

Botas de Figaro - VI - 128 - II 36
 O sacro

Barbieri de Semecha VI - 86

TEMPORADA LIRICA Werther.

"Le Nozze di Figaro", de Mozart; "Werther", de Massenet; "Lo Schiavo", de Carlos Gomes e "Il Barbieri di Siviglia", de Rossini são as óperas que compõe a Temporada Lírica Oficial de São Paulo em 1979, cuja estréia esta marcada para 24 de agosto.

A temporada deste ano, que costuma ser promovida pelo Departamento de Teatro da Secretaria de Cultura do Município, reunirá os regentes Bliss Johnston Calderbank ("Le Nozze di Figaro"), que acompanhará os recitativos ao cravo Jean Pierre Jacquillat, David Machado e Gian Franco Masini. Entre os cantores convidados destacam-se os nomes de Giuseppe Tadeu, como Figaro, na Ópera de Mozart, Renato Holm da Staatsoper de Viena, como Condessa; Wolfgang Schoene, de Stuttgart, como Conde; Maria Lúcia de

Godoy, como Cherubino; Benito Maresca como protagonista de "Werther", papel que interpretou 16 vezes em Munique; Alicia Nafé, da Ópera de Hamburgo, como Charlotte. Além destes, participarão da temporada Fernando Telxera, no papel título de "Lo Schivo"; Vicenzó Sardignano, como Figaro do "Barbiere"; Rohangis Yachmi, da Ópera de Viena, como Rosina; Wladimiro Ganzarolli, como Basilio e Ricardo Cassinelli, no papel de Conde de Almaviva.

Os cenários, encenações e figurinos estarão a cargo de artistas brasileiros ou de estrangeiros aqui radicados, entre os quais Darcy Penteado, Ruy Affonso, Carlos Jecchieri, Glani Ratto, Silnei Siqueira Aldo Calvo.

Informações com Rinaldo Ciasca na Secretaria Municipal de Cultura — Fone: 31-0555 — Ramal 373.

Correio Popular 5-III-1979

Agosto/Setembro/Outubro

EMPRESA I.C.A. INTERCÂMBIO CULTURAL ARTÍSTICO LTDA. (H. FRISCHLER)

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1979

ESTRÉIA: 24 DE AGOSTO

"LE NOZZE DI FIGARO"

Mozart

24—26—28 de Agosto

REGENTE: Bliss Johnston Calderbank
REGISSEUR: Ruy Affonso
CENÁRIOS E GUARDA-ROUPA: Darcy Penteado
ELENCO: Giuseppe Taddei, Renate Holm, Wolfgang Schoene, Beatriz Pazos, Maria Lúcia Godoy, Aldo Boldin, Zuinglio Faustini, Marta Baschi, Anna Lúcia Tamm Caçado, Hector Pace, Boris Farina.

"WERTHER"

Massenet

6—9—11 de Setembro

REGENTE: Jean-Pierre Jacquillat
CENÁRIOS E GUARDA-ROUPA: Carlos Jacchieri
ELENCO: Alicia Nafé, Benito Maresca, Fernando Teixeira, Amim Feres, Beatriz Pazos, Boris Farina, De Faro Rollemberg.

"LO SCHIAVO"

Carlos Gomes

21—23—25 de Setembro

REGENTE: David Machado
REGISSEUR, CENÁRIOS E GUARDA-ROUPA: Gianni Ratto
ELENCO: Fernando Teixeira, Benito Maresca, Leila Guimarães Martins, Amim Feres, Tereza Godoy, Boris Farina, Luiz Orefice.

"IL BARBIERE DI SIVIGLIA"

ROSSINI

5—7—9 de Outubro

REGENTE: Gian-Franco Masini
REGISSEUR: Silnei Siqueira
CENÁRIOS E GUARDA-ROUPA: Aldo Calvo
ELENCO: Vincenzo Sardinero, Rohangis Yachmi, Ricardo Cassinelli, Wladimiro Ganzarolli, Zuinglio Faustini, Marta Baschi, Assadur Kihltzian.

ASSINATURAS PARA AS 4 ESTRÉIAS (ant. GALA): FRIZA E Camarote Cr\$ 9.000,00 / Poltrona e Balcão Nobre Cr\$ 1.800,00 / Balcão Simples Cr\$ 960,00 / Cadeira Foyer Cr\$ 660,00 / Galeria Cr\$ 200,00 / Anfiteatro Cr\$ 140,00.

ASSINATURAS PARA 4 VESPERAIS OU 4 RÉCITAS EXTRAORDINÁRIAS: Friza e Camarote Cr\$ 6.600,00 / Poltrona e Balcão Nobre Cr\$ 1.320,00 / Balcão Simples Cr\$ 840,00 / Cadeira Foyer Cr\$ 560,00 / Galeria Cr\$ 200,00 / Anfiteatro Cr\$ 140,00.

OS ASSINANTES DA TEMPORADA DE 1978 TERÃO PREFERÊNCIA DE 4 a 22 DE JUNHO
NOVAS ASSINATURAS — DE 25 de JUNHO A 13 DE JULHO

CARAVANA DE CAMPINAS: Vesperais nos dias 26 de agosto - 9 e 23 de setembro e 7 de outubro -

PREÇOS: O preço das 4 récitas (tudo incluído), ônibus de luxo ida e volta para São Paulo, mais as poltronas numeradas no Teatro Municipal, é de CR\$ 2.000,00 ou 2 pagamentos iguais de CR\$ 1.000,00 -

INFORMAÇÕES: Com Rinaldo Ciasca na Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de Campinas - 3º andar - fone 31-0555 Ramal 373 -



RECIBO
NÚMERO

160

Cr\$

2.000,00

RECEBÍ (EMOS) DO SR. (S)

DR. CELSO MARIA M. PUPO

VALOR POR
EXTENSO

DOIS MIL CRUZEIROS

PROVENIENTE DE

TEMPORADA LIRICA 79-SP- PRESTAÇÃO ÚNICA

Para maior clareza firmo o presente

CAMPINAS, 7 de Agosto de 1979

ASSINATURA

Riang

FH 1.049 - 100 x 213

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1979

- 1.^a récita estréias, sexta-feira, 24 de agosto, às 21 horas
1.^a récita vesperais, domingo, 26 de agosto, às 16 horas
1.^a récita extraordinária, terça-feira, 28 de agosto, às 21 horas

“LE NOZZE DI FIGARO”

Ópera em quatro atos de WOLFGANG AMADEUS MOZART
Libreto de LORENZO DA PONTE

Intervalos entre o 2.^o e 3.^o ato (25 minutos) e
entre o 3.^o e 4.^o ato (15 minutos)

Personagens e intérpretes, por ordem da entrada em cena:

Fígaro	GIUSEPPE TADDEI
Susanna	BEATRIZ PAZOS
Bartolo	ZUINGLIO FAUSTINI
Marcellina	MARTA BASCHI
Cherubino	MARIA LÚCIA GODOY
Conte D'Almaviva	WOLFGANG SCHOENE
Basilio	ALDO BALDIN
Contessa D'Almaviva	ADRIANA MALIPONTE
Antonio	BORIS FARINA
Don Curzio	HECTOR PACE
Duas camponesas	ANNIE LACOUR e ADELIA ISSA
Barberina	ANNA LÚCIA TAMM CANÇADO
Bailarinos	REGINA RESTELLI - SIDNEY ASTOLFI LEILA GUEDES - LUIZ NASCIMENTO ROSANE SONEGHETTI - MÁRCIO RONGHETTI
Coreografia	ANTONIO CARLOS CARDOSO
Assistente de Coreografia	IVONICE SATIE

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL E CORAL LÍRICO
DO DEPARTAMENTO DE TEATROS

Direção Musical	BLISS JOHNSTON CALDERBANK (ao cravo)
Regisseur	RUY AFFONSO
Cenários e figurinos	DARCY PENTEADO
Execução cenográfica	CARLOS JACCHIERI

A execução dos cenários e guarda-roupa teve a colaboração da



LE NOZZE DI FIGARO O ENREDO

A ópera, com libreto italiano, calcado pelo abade D. Lorenzo da Ponte (1749-1838) segundo a célebre comédia "Le Mariage de Figaro", estreou-se no Teatro da Corte ("Burgtheater") de Viena, a 1.º de maio de 1786.

Essa "Commedia in musica" compreende quatro atos. Decorre em fins do século XVIII, no castelo de Águas-Frescas, propriedade do Conde Almaviva, próximo da cidade de Sevilha.

I ATO Um quarto parcialmente mobiliado

Fígaro (baixo cômico ou barítono leve), criado do Conde Almaviva (barítono dramático), acompanhado de sua noiva Susanna (soprano), mede a largos passos o quarto em que residirão, ao se casarem proximamente. A noiva adverte a Figaro acerca dos poucos edificantes intentos do patrão, prepotente, ciumento, malandro e libertino, quanto ao "jus primae noctis" ou o "droit-du-seigneur" do vetusto direito feudal. Indisfarçável o interesse do Conde nesse caso! Mas Susanna ama apaixonadamente Figaro. Este confia em sua própria imaginação e habilidade, que sempre liberaram-no de todos os entraves. Entoa a esplêndida e mordente cavatina "Se vuol ballare".

Chegam o doutor Bártolo (baixo), médico em Sevilha e sua governanta Marcellina (meio-soprano). Bártolo vem exigir o cumprimento de um contrato outrora formalizado em benefício de Marcellina. Por força desse instrumento, Figaro se obrigara a pagar-lhe forte soma em dinheiro, ou então desposá-la. Bártolo entoa a maliciosa e belicosa ária "La vendetta!", seguida pelo dueto Marcellina-Susanna "Via resti servita".

Cherubino (soprano), jovem pagem do Conde, cujos sentidos despertam para o amor, aparece. Canta a deliciosa ária "Non so più cosa son, cosa faccio". Sur-

preendido em colóquio sentimental com Susanna, ante a inesperada presença do Conde, Cherubino se esconde atrás de uma poltrona. Almaviva propõe-se oferecer à aia um polpudo dote, caso consinta em favorecer-lo com um encontro, porém é repellido com decisão. Quando Don Basílio (tenor) aparece, o Conde também se oculta atrás do mesmo sofá, enquanto a Cherubino resta apenas o recurso de envergar a indumentária de Susanna!

Ao tomar conhecimento, por intermédio de Don Basílio, de que Cherubino está namorando sua esposa, o Conde, fortemente irritado, sai do esconderijo e fala de expulsar o pagem. Entretanto, sua estupefação e desapontamento são ilimitados, quando descobre Cherubino atrás do sofá. O moço ouvira tudo!

Figaro chega no mesmo instante, à frente de um grupo de camponeses, que vem agradecer ao nobre senhor a recente proscrição do feudalíssimo e vetusto "jus primae noctis", já mencionado linhas acima.

Além de propiciar para Cherubino uma saída honrosa e hábil, o Conde lhe confere a patente de oficial de seu regimento. Ao mesmo tempo determina que parta imediatamente para Sevilha. Com soberba e incomparável ironia, Figaro compreende a finalidade da estratégia, e ridiculariza a coragem do pobre homem, na ária "Non più andrai".

II ATO No toucador da Condessa

A Condessa (soprano), numa cavatina patética, magoada, melancólica ("Porgi amor, qualche ristoro") dá rédea solta à sua queixosa frustração, perante a inconstância amorosa do marido. Aparecem Susanna e Figaro. Este conta de que modo fez escorregar ao Conde um bilhete anônimo, no fito de lhe espicaçar o ciúme, ao insinuar que sua esposa pretende manter um encontro amoroso secretíssimo. . . .

Figaro sai e Cherubino surge perplexo, a carta de oficial em punho. Pois será ele enviado ao encontro estipulado entre o Conde e Susanna, no jardim. Acompanhado ao violão por Susanna, Cherubino canta a linda romança "Voi che sapete". As duas mulheres se divertem, enquanto impõem ao pagem o disfarce feminino. (Ária de Susanna, "Venite, inginocchiatevi").

Alguém bate à porta. É o Conde. Ao receber o bilhete, o ciúme sobe de ponto. Cherubino foge para o aposento contíguo, logo fechado à chave pela Condessa. O Conde entra. No exato instante em que dá início ao interrogatório de sua esposa, ouve-se o ruído da queda de uma cadeira no outro quarto. A Condessa diz ao marido que Susanna se encontra no mesmo quarto, ao mesmo tempo que lhe proíbe sair ou responder. Ao marido, a Condessa recusa a chave. Transtornado, furioso, trava à chave todas as portas, e arrasta consigo a Condessa. Se necessário, irá ao extremo de

mandar arrombar as portas! Entretanto, Susanna consegue introduzir-se na alcova, liberta o pagem, que da janela pula para o jardim, e ela própria vai para o quarto. Voltam o Conde e a Condessa. Esta, abalada pelos últimos acontecimentos, deverá confessar que o pagem se encontra no quarto, o que excitará ainda mais violentamente o furor do Conde. Entretanto, para espanto do casal, Susanna aparece! As duas mulheres compõem-se rapidamente, dizendo ao Conde que ambas quiseram alegremente puni-lo por seu exagerado ciúme! Com muita dificuldade o Conde é perdoado. Figaro, chegando inesperadamente, quase põe tudo a perder. Mas quando o jardineiro Antonio (baixo) vem queixar-se que alguém caiu sobre suas plati-bandas, o Conde assegura-lhe ter sido ele próprio o causador desse dano. Mas, por desdita, Antonio entrega-lhe o famoso bilhete, que Cherubino perdera na fuga!

Chegam Marcellina e Bártolo, decididos a pleitear os seus direitos. Susanna e Figaro se crêem perdidos.

III ATO Um salão de festas

Decidida a substituir Susanna no encontro com o Conde, a Condessa comparecerá, a fim de prometer tudo quanto Almaviva deseja. Figaro se enche de coragem. O juiz Don Curzio (tenor) condena-o a pagar a dívida, e — como não dispõe de meios hábeis — a desposar Marcellina.

Entretanto, de repente descobre-se que Figaro é filho de Bártolo e de Marcellina! Ao menos desse lado, todo o perigo passou!...

A Condessa recorda as felicidades do passado no recitativo "E Susanna non vien?" seguido pela magnífica ária "Dove sono i bei momenti?". A seguir, dita a Susanna o bilhete de encontro, destinado a surpreender e confundir o marido. É o dueto Susanna-Condessa, "Sull'aria..."

As moças do vilarejo — entre elas Cherubino disfarçado — vem oferecer suas homenagens à Condessa. Cherubino, que desse modo consegue roubar um beijo à Condessa, é reconhecido por Antonio. Chega o Conde. Durante a cerimônia nupcial, Susanna furtivamente entrega-lhe o bilhete ditado pela Condessa: um papelucho pregado por uma agulha, a ser devolvido como sinal de consentimento.

IV ATO Primeiro quadro — Um corredor estreito

Barbarina (soprano) procura a agulha perdida (Árias "L'ho perduta"; "Il capro e la capretta").

Segundo quadro
Um recanto do jardim, entre dois pavilhões

Figaro surpreende os preparativos de Barbarina, que foge para um dos pavilhões. A seguir, ele próprio se afasta à aproximação de Don Bártolo e Don Basílio.

Quando ambos desaparecem, Figaro retorna e se esconde, a fim de observar os iminentes

acontecimentos (Ária de Figaro: "Tutto è disposto...").

A Condessa e Susanna, que permutam entre si as vestes, chegam na companhia de Marcellina. Sozinha por instantes, Susanna canta o recitativo "Giunse al fin il momento" e a encantadora ária "Deh vieni non tardar".

Tão logo a Condessa fica só, aparece Cherubino, que tenta roubar um beijo à patroa. Mas quem o recebe é o Conde, que surge no exato momento, pretendendo devolver com uma bofetada, a qual, em vez do pagem, explode no rosto de Figaro, que, pleno de curiosidade, chega ao local. O Conde prodigaliza à pseudo-Susanna todos os galanteios imagináveis. Quer raptá-la. Porém, aproveitando a escuridão reinante, ela escapa.

De seu lado, rubro de ciúme, Figaro reconhece imediatamente Susanna, de quem recebe uma valente e sonoro sopapo. Quando a paz se restabelece, Susanna e Figaro são descobertos pelo furibundo Conde, que convoca os seus vassalos. Aturdido, desesperado, para sua vergonha descobre que envolveu dos mais doces galanteios sua própria esposa, supondo tratar-se da outra mulher! De seu lado, Cherubino é descoberto no pavilhão, em companhia de Barbarina. No exato instante em que toda essa tremenda e incrível confusão atinge o auge, parecendo desatar em tragédia, o perdão da Condessa põe fim aos desentendimentos e tudo acaba numa alegria desbordante, absoluta!

Dr. JOSÉ DA VEIGA OLIVEIRA

Opera/Crítica

“Le Nozze”, agradável equívoco

ENIO SQUEFF

Quando a ópera de Mozart “La Clemenza di Tito” estreou em Praga, uma rainha da qual talvez nem os tchecoslovacos mais lembram o nome, disse considerar aquela cena lírica nada menos que uma “porcheria tedesca”. Ela se equivocou, evidentemente. Muitos se enganam e quem disse sobre a encenação da “Le Nozze di Figaro” do mesmo Mozart que estreou a temporada lírica oficial deste ano o mesmo que a rainha tchecoslovaca, certamente também se enganou.

Só que, no caso, o equívoco não conduz ao antônimo. “Le Nozze di Figaro”, na versão da sra. Bliss Johnston Caderbank com a direção de cena do sr. Ruy Affonso e com os cenários de Darcy Penteado, se não foi efetivamente uma “porcheria” esteve longe também de ser uma “maraviglia”.

Não pretendo acrescentar a tudo o que se disse sobre esta ópera qualquer coisa nova. As óperas não me interessam mais pelos cantores do que pela cena em si, ou antes, pelo significado que elas possam ter para os homens de hoje. Não despenho o aspecto musical em absoluto. Mas há os que vão à ópera por outras razões. Os que se derretem com dós de peito gostam tanto de música quanto os apreciadores de acrobacia apreciam o balé. Para estes, portanto, “Le Nozze...” ou qualquer outra ópera de Mozart não compensa a ida ao Municipal. Mas “Le Nozze...” que talvez não seja mais importante ópera de Mozart, é da autoria do maior compositor talvez do gênero. E não por acaso, portanto, induz a muitas reflexões.

Aos que se interessam pela questão feminina, por exemplo, o texto de Beaumarchais na versão de Da Ponte oferece algumas idéias. Beaumarchais, como se sabe, escreveu uma peça eminentemente política. Chegou a ser censurado, aliás, por denunciar as mazelas da nobreza. Mas no “Le Nozze...” o autor acrescenta a denúncia da fatuidade, a exploração sexual da nobreza. A ópera gira, a rigor, em torno do problema da condição da mulher, onde uma jovem, Suzana, é ameaçada pela luxúria de um conde que quer ter o direito à primeira noite com a donzela, antes que essa se case com Figaro. A partir disso, pode-se imaginar as peripécias de Suzana para fugir do conde de Al-maviva e o auxílio da Condessa que, por razões óbvias, lamenta a traição do marido que, por sua vez (e não para variar), é um machista tradicional extremamente inseguro da própria virilidade, da fidelidade da esposa. etc. Ocorre que se na primeira peça de Beaumarchais, Figaro é realmente a figura central, nesta ele é o contra-



Hoje é o último dia de “Le Nozze de Figaro”, de Mozart, no Municipal.

ponto, a retaguarda de sua noiva e da condessa. Cabe a essas, na verdade, tentarem demover o conde de tentar a “pernada” com Suzana. Ora, para essa comédia, Mozart compôs uma ópera, onde a música pontilha cada sentimento da nostalgia, ao erotismo. Mas a maestrina, sra. Bliss Johnston Caderbank que também acompanhou os recitativos ao cravo — se entende de seu ofício, poucas vezes conseguiu entrosar os cantores com a orquestra. E só isso já bastaria, a meu juízo, para definir o espetáculo todo. Mas a sra. Beatriz Passos, embora tenha boa voz, sugere uma Suzana muito pouco entusiasmada com sua própria condição de noiva ferosa e desejada (por vezes inclusive, força seus agudos); e os outros, se salvam — com destaque para o barítono Giuseppe Tadei (Figaro), o também barítono Wolfgang Schoene (Conde) e os sopranos Adriana Maliponte (Condessa) e Maria Lucia Godoy (Cherubino) — perdem-se no equívoco mais ou menos generalizado do espetáculo todo, que começa na direção de cena e termina nos cenários. Estes, a propósito, merecem uma alusão.

Disse seu autor, o pintor Darcy Penteado, que os cenários propositalmente falso, tinha em vista acentuar o aspecto farsesco da ópera. Registro a intenção. Mas o farsesco, o cenário intencionalmente fora da cena, não dispensa o possível “realismo” dessa e vice-versa. O sr. Darcy Penteado poderia ter optado pela cor para obter o distanciamento que pretendia; poderia ter tentado também um cenário “na-

turalista”, a farsa de Mozart, continuaria sendo uma farsa. Mas optou por um cenário branco (?), inexpressivo e, enfim, tudo ficou nas boas intenções, sem nada a ver com a ópera em si.

Com tudo isso, porém, perdeu-se uma oportunidade única para se fazer o melhor de uma cena que poderia ser o ponto alto desta temporada. Pois devo confessar, a ópera de Mozart mesmo assim convence e agrada. E foi certamente o que se salvou; juntamente com a orquestra do Municipal. Ela conseguiu em alguns momentos condizer com certo virtuosismo a sra. Bliss Johnston Calderbank.

P.S. Recebi do professor H.J. Koellreuter a propósito do artigo “A oficina musical de Prados” a carta que passo a transcrever. Diz Koellreuter: “Sou leitor assíduo de sua coluna. E assim que tomei conhecimento do seu artigo intitulado “A oficina musical de Prados”, publicado na Folha de S. Paulo a 13 de agosto. Peço-lhe a licença de retificar o comentário feito a meu respeito nesse artigo: cheguei ao Brasil em 1937. Como estudante e militante antifachista, expatriado e perseguido pela Gestapo.

Não tenho nada com a onda de imigrantes, na maioria nazistas, que deixaram a Alemanha após a guerra perdida (o grifo é do original). Quanto ao seu magnífico artigo sobre Prados — ambiente cultural que merecia ser mais conhecido no Brasil — não se trata apenas de uma questão musical.”

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1979

- 2.^a récita estréias, quinta-feira, 6 de setembro, às 21 horas
2.^a récita vesperais, domingo, 9 de setembro, às 16 horas
2.^a récita extraordinária, terça-feira, 11 de setembro, às 21 horas

“WERTHER”

Ópera em quatro atos de JULES MASSENET
Libreto de Edouard Blau, Paul Milliet e Georges Hartmann

Personagens e intérpretes, por ordem de entrada em cena:

Le Bailli	AMIN FERES
Johann	BORIS FARINA
Schmidt	DE FARO ROLLEMBERG
Sophie	BEATRIZ PAZOS
Werther	BENITO MARESCA
Charlotte	ALICIA NAFÉ
Bruehlmann	LUIZ MALHEIROS
Kaethchen	ANNIE LACOUR
Albert	FERNANDO TEIXEIRA
As crianças	Marcia Cristina Esteves, Sonia Vilela, Reginaldo David da Silva, Marcio de Faria Almeida, Marco Antonio dos Santos, José Braz de Araujo

da E.E.P.S.G. Padre Anchieta; ensaiadora,
Prof.^a MARIA DE LOURDES OLIVEIRA PESSÔA DE BARROS

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL E CORAL LÍRICO

TO DE TEATROS, S.M.C., P.M.S.P.

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DEPARTAMENTO DE TEATROS

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL 79

Empresa I.C.A. (H. Frischler)

2.^a RÉCITA — VESPERAL

WERTHER

Domingo 9 de Setembro - 16,00 hs.

POLTRONA

Cr\$ 330,00

*

P 6

JEAN-PIERRE JACQUILLAT

FERNANDO PEIXOTO

EMMERSON ECKMANN

CARLOS JACCHIERI

s e guarda-roupa teve a colaboração da

RHODIA SA

Shopping Center
Iguatemi



Jóias
Relógios
Laboratório
Técnico de
precisão

RESUMO

I ATO

A casa de Le Bailli, alcaide de Wetzlar

(julho, 178...)

À esquerda, a casa com uma grande janela envidraçada e um terraço coberto de folhas, com uma escada de madeira. À direita, o jardim. Atrás, um pequeno portão de grade. Ao longe, as casas da cidade e os campos. Em primeiro plano, a fonte. Num ponto mais elevado do palco, Le Bailli está sentado no terraço, rodeado pelas crianças, fazendo-as cantar. Enquanto a cortina se abre, ouve-se o riso prolongado das crianças.

A cena se passa nos arredores de Wetzlar, subúrbio de Frankfurt. No terraço em frente à sua casa, Le Bailli, viúvo e pai de uma grande família, está ensaiando um coro infantil para o Natal mas sem o mesmo rendimento que obteria sua filha Charlotte, adorada pelas crianças.

Logo chegam Johann e Schmidt, **bon vivants** e amigos de Le Bailli, para convencê-lo a ir à taverna, mas ele explica que deve ver Charlotte, pois os amigos da cidade estão organizando um baile e ela deve comparecer. Menciona-se o nome de Werther,

que será o par de Charlotte; Albert, o noivo da jovem, está viajando a negócios. Fazendo Le Bailli prometer que se juntaria a eles mais tarde, os amigos se retiram, cantarolando uma canção de bebida: **Vivat Bacchus!**

Le Bailli retoma o ensaio com as crianças, quando Werther chega para chamar Charlotte. Dispensando o camponês que o havia guiado até a casa, ele se detém na fonte do pátio e, dominado pelo encanto rústico do ambiente, exalta a Natureza e suas belezas (**O nature, pleine de grâce**). Enquanto o jovem aguarda os preparativos, observa a tranqüilidade doméstica, mantida por Charlotte desde a morte da mãe (**O spectacle idéal!**) e seu ser sensível fica profundamente tocado pela graciosidade dócil de Charlotte.

Sophie, filha mais nova de Le Bailli, permanece em casa, tomando conta das crianças. Albert chega de repente da viagem, ansioso para ver a noiva e para saber o que aconteceu durante a ausência de seis meses. Não encontrando Charlotte em casa, o que não era usual, Albert pede sigilo a Sophie e promete voltar no dia seguinte.

Um breve trecho orquestral sugere a passagem do tempo, e vê-se Charlotte voltando do bai-

le junto com Werther. Eles não sentem o tempo passar, e ouve-se a voz de Le Bailli, dizendo que Albert havia chegado. Ela conta a Werther que havia prometido à falecida mãe casar-se com Albert; oprimido pela dor, Werther prevê a tragédia.

II ATO

As tílias

A praça. Atrás, a igreja protestante. À esquerda, a casa. À direita, atrás, a estrada e os campos abertos. À direita, a taverna. Em frente à igreja, as tílias enfeitadas. Sob as tílias um banco, perto da entrada da casa. Schmidt e Johann estão sentados à mesa, em frente à estalagem. É uma bela tarde de domingo.

Na praça de Wetzlar, Johann e Schmidt celebram Bacchus, enquanto Charlotte e Albert, casados há três meses, aparentam uma perfeita felicidade conjugal. Werther, contemplando-os à distância, fica perturbado com a idéia de ser outro o marido de Charlotte: **Un autre est son époux!**

O próprio Albert acalma-o com palavras de compreensão, ajudado por Sophie, radiante com a tarde ensolarada (**Du gai soleil**) e inocentemente desejosa de consolar o melancólico jo-

vem. Werther continua a amar Charlotte e ela, com intencional frieza, insiste em não vê-lo mais. Acaba, porém, sugerindo que volte para o Natal. Começa a crescer no espírito de Werther a idéia do suicídio como solução para o seu problema (**Lorsque l'enfant revient d'un voyage avant l'heure**). Ignorando a procição da praça, o jovem afasta-se de Sophie, mandando dizer a Charlotte que se despede para sempre. Albert, ouvindo por acaso, percebe que Werther ainda não esquecera sua esposa.

III ATO

Charlotte e Werther
(24 de dezembro do mesmo ano - 5 horas da tarde)

Casa de Albert: a sala de visitas. Atrás à direita, o quarto ao fundo e uma porta dupla. No último plano, um cravo. À esquerda, a porta do quarto de Charlotte. No primeiro plano, a escrivaninha, a mesa de trabalho e uma poltrona. À direita, ainda em primeiro plano, um sofá. Um **abat-jour** sobre a mesa.

Sozinha em seu quarto, sem poder afastar Werther do seu pensamento, Charlotte relê as cartas do poeta (**Ah! ces lettres!**). Sophie vem visitá-la e fala sobre as virtudes da alegria (**Le rire est**

bénie), o que aumenta a melancolia de Charlotte, apesar do conforto que a irmã se esforça por se oferecer.

Outra vez só, Charlotte é surpreendida pela presença de Werther, que aparece de repente: sem poder resistir aos sentimentos, ele veio visitá-la no Natal. Desenrola-se uma cena de amor, evocando momentos do passado (**Pourquoi me réveiller, ô souffle du printemps?**). A paixão cresce entre eles, mas Charlotte decide o rompimento final. Werther retira-se e Albert retorna, sabendo da presença do poeta na cidade. Antes de poder confirmar suas suspeitas, uma empregada chega com um bilhete de Werther. Ele anuncia a partida para uma viagem distante e pede emprestado uma pistola. Friamente, Albert pede à esposa para entregá-la ao mensageiro, e ela, embora chocada com a expressão do marido, obedece. Logo que Albert se dirige para o quarto, Charlotte sai com pressa, na tentativa de evitar a tragédia.

IV ATO

Primeiro Quadro

Véspera de Natal

Avista-se um pequeno ângulo da cidadezinha de Wetzlar, na

véspera do Natal. A lua irradia uma luz brilhante sobre as árvores e telhados cobertos de neve. De algumas janelas se vê a luz. Está nevando. A música continua até a mudança da cena, num interlúdio sinfônico, que sugere o terror e a perplexidade que se apoderam de Charlotte.

Segundo Quadro

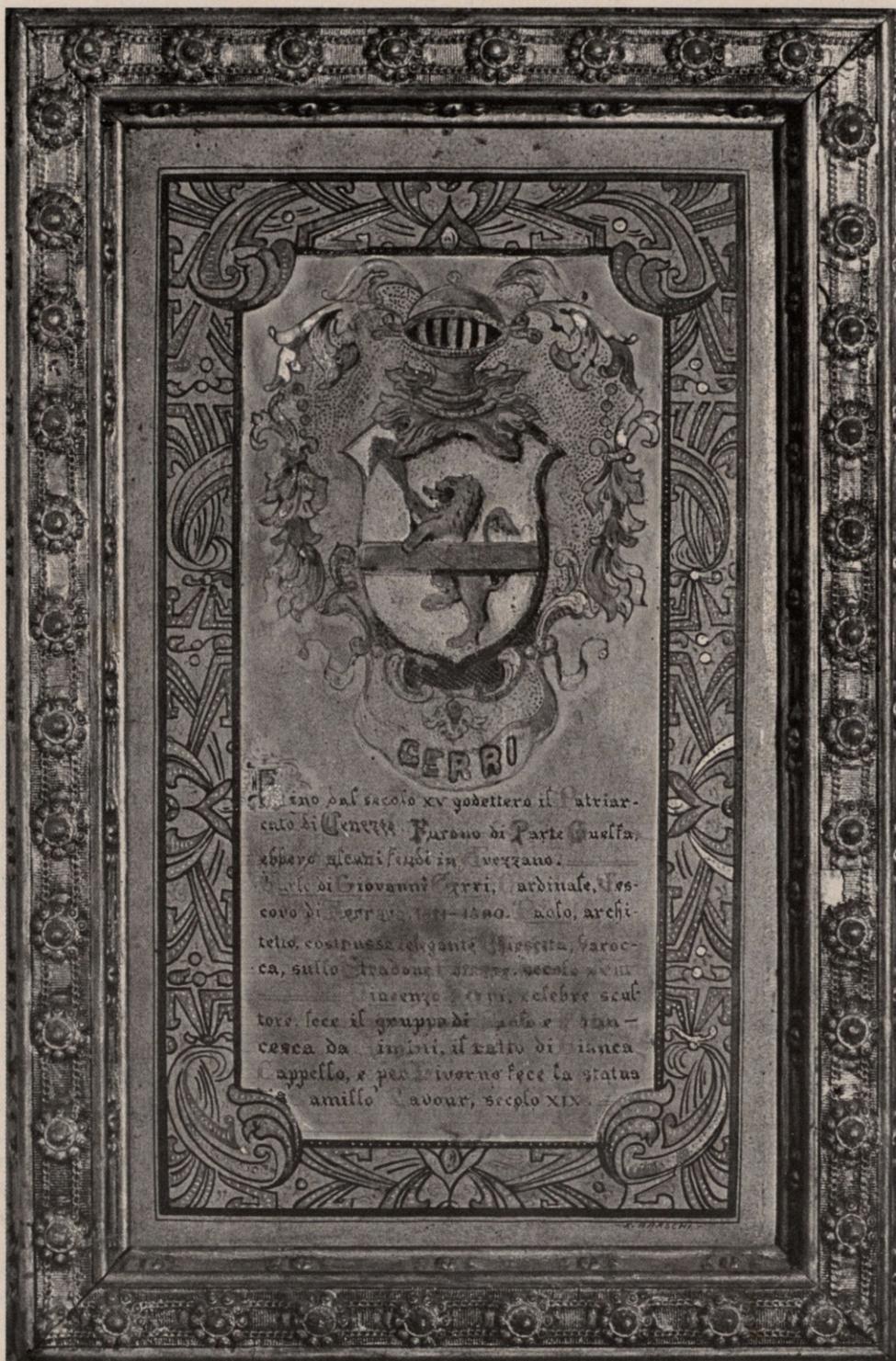
A morte de Werther

O estúdio de Werther. Um castiçal de três braços lança uma luz pálida sobre a mesa repleta de livros e papéis. Atrás, no lado esquerdo, uma janela aberta, através da qual se vê a praça da cidade e as casas cobertas de neve. Numa das casas, a de Le Bailli, há luzes. Atrás, à direita, a porta. A luz do luar ilumina o quarto. No primeiro plano, Werther, sozinho, está estendido no chão, mortalmente ferido.

Com uma leve respiração, ele ainda tem um sopro de vida. Não há nada que Charlotte possa fazer, a não ser confessar que também o amou. E assim Werther, finalmente em paz consigo mesmo, morre em seus braços, enquanto se ouve o som do coro das crianças, na alegria ruidosa e inocente da festa de Natal.

LEA VINOCUR FREITAG

UMA TRADIÇÃO JUNTO AO TEATRO



O sucesso de uma empresa editorial está na capacidade de seus administradores, no manejo de sua equipe, em sua filosofia de trabalho, na eficiência de seus colaboradores.

A CERRI EDITORA E PROPAGANDA Ltda. orgulha-se em estar presente nos momentos mais significativos das artes e da música, no Brasil, informando e divulgando, por meio de suas edições da revista-programa "Espetáculos Artísticos em Revista", os grandes espetáculos. É toda uma tradição aliada à cultura e ao bom gosto.

CERRI - EDITORA E PROPAGANDA LTDA.

Rua Vitorino Carmilo, 872 - Tels.: 826-5647 - 826-7425 - 826-9569 e 67-9409 - São Paulo

Folha de São Paulo - 6-IX-1979

“Werther”, uma ópera com sabor bem Brasil

LIGIA SANCHES

Entre técnicos que falam alto, cenários pintados em tons intimistas, ressuscitando a arte flamenga — francesa, holandesa e alemã —, o autor e diretor de teatro Fernando Peixoto inaugura uma nova fase de sua carreira: a de “regisseur” (diretor de cena de ópera). Esse trabalho está sendo desenvolvido em “Werther”, ópera com música de Massenet que estréia hoje, às 21 horas, no Teatro Municipal. Seu libreto foi escrito por Edouard Blau, Paul Milliet e Georges Hartman, com base num romance de Goethe, com o mesmo nome. Trata-se, como afirma Fernando, de um dos momentos mais significativos do romantismo alemão.

“Werther” se passa no ano de 1772, na cidade alemã de Wetzlar, e mostra o conflito entre o amor e o dever. Isso está sintetizado na história do jovem poeta Werther (Benito Maresca), e de Charlotte (Alicia Nafé), moça que já está comprometida com um burguês, Albert (Fernando Teixeira), com quem vem a se casar. A ópera, dramática, fala das grandes paixões que levam às tragédias: “Essa ópera — diz Fernando — mostra toda uma trajetória ao suicídio, pois o rapaz só vai encontrar sua paz nele. São as grandes paixões do ser humano, e ainda as grandes forças da natureza, representadas nas estações do ano, na neve, etc.”

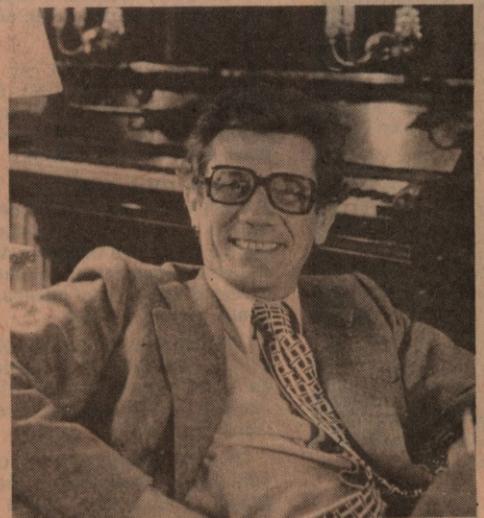
Apresentada no Brasil pela última vez na década de 50, “Werther” foi montada agora com a regência do francês Jean-Pierre Jacquillat, cenografia e figurinos de Carlos Jacchieri e a maioria dos cantores brasileiros, com exceção de Alicia, argentina que faz parte da Ópera de Hamburgo e de Beatriz Pazoz, uruguaia. Além deles estão em “Werther” Amin Feres, Boris Farina e De Faro Rolemberg.

“Werther” tem a participação da Orquestra Sinfônica, do Coral do Departamento de Teatros e do Coral Infantil EEPSP Pe. Anchieta, e é a segunda ópera da Temporada Lírica Oficial, que este ano convidou apenas “regisseurs” brasileiros. O primeiro foi Ruy Affonso, esta é a vez de Fernando Peixoto, e vão dirigir as outras duas Gianni Ratto e Silney Siqueira.

A escolha dos brasileiros é vista com grande entusiasmo por Fernando, que entretanto tem muitas críticas a fazer sobre o Teatro e a própria Prefeitura: “Tudo gira em torno do pouco tempo que temos para trabalhar, para conhecer o regente e os cantores. Todo o tempo que dispusemos para esta ópera foram oito dias, quando todos trabalharam e ensaiaram aprissadamente. Eu, particularmente, tive a sorte de ter um maestro muito lúcido, o que facilita tudo. Mas não existe tempo para um entrosamento”.

A falta de tempo obriga a equipe a aceitar as primeiras soluções e Fernando lamenta não ter conseguido aprofundar o trabalho: “A ópera é um acontecimento e a temporada lírica é muito curta, por isso mesmo seu tratamento deveria ser melhor. Seria uma forma de atrair um público maior, além daquele que vai assistir porque gosta da música apenas”.

Fernando diz que desta vez aproveitou para analisar todas as deficiências, pois quer reunir os outros três diretores (Gianni Ratto, Silney Siqueira e Ruy Affonso), para uma reunião com Mário Chamie, “para descobrir caminhos e tornar a ópera uma coisa mais viva. Vamos pedir melhores condições de trabalho porque hoje as dificuldades são enormes, a começar pela falta de espaço para ensaiar. Em “Werther”, tivemos en-



Jean-Pierre Jacquillat.

saios esdrúxulos, apressados. O que salva são as pessoas, com mais ou menos experiência”.

Homem quase que exclusivamente de teatro, Fernando Peixoto confessa um velho fascínio pela ópera, sobretudo pela utilização do drama e da música: “Acho mesmo que minha tendência é o texto musical. Aliás notei na Europa que existe uma tendência geral dos encenadores, de volta à ópera; assisti muito esse tipo de trabalho no exterior. E depois, a ópera é um desafio violento, porque tudo tem que ser feito dentro de um tempo determinado pela música”.

Como espetáculo, “Werther” fica no tradicional. Foi a opção de Fernando, que confessa ter se segurado em matéria de cenografia: “No teatro sempre fui em busca dos espaços, mas aqui, pelo tema proposto, escolhi a cenografia de telão dando força ao lado romântico e dramático”.

Quanto ao visual, a cargo de Carlos Jacchieri, não é uma imitação da realidade. São cinco cenários, resumindo a arte flamenga do século 18, saindo do tradicional da cena barroca italiana”, como diz o próprio Jacchieri, para uma cenografia mais popular. São telas, com moldura inclusive, onde cada objeto tem sua função, e onde os atores, vestidos com roupas camponesas, vão atuar: “Os figurinos foram extraídos dos costumes burgueses do século 18. A intenção foi fugir das roupas de ópera, como se fossem de baile de máscara. Por isso a preocupação em se escolher peças como se fossem roupas usadas, procurando um tom mais social”, completa Jacchieri.

Fernando Peixoto, mesmo se entregando à ópera como uma nova forma de trabalho, não deixa o teatro. Refez, com Chico Buarque e Rui Guerra, toda a estrutura de “Calabar”, que talvez seja encenada em breve. Além disso, está fazendo um filme, “O Homem que Tinha a Morte no Corpo”, um painel sócio-político dos antecedentes da Revolução de 30, no interior da Paraíba: “Voltei e senti que acabou um determinado momento. O País está mudado e o teatro, que antes representava uma força, movia e puxava as coisas, hoje está atrás da realidade. Vou assumir um teatro mais aberto, político, pois chegou a hora de se fazer um confronto crítico com a realidade. Calabar é uma dívida, e pode ser também uma ponte”.

O público paulista poderá assistir “Werther” em mais duas sessões, além dessa estréia: no dia 9, domingo, às 16 horas, e no dia 11, terça-feira, às 21 horas. O preço dos ingressos varia de Cr\$ 35,00 a Cr\$ 330,00.

Ainda sobre Werther: ópera também é teatro

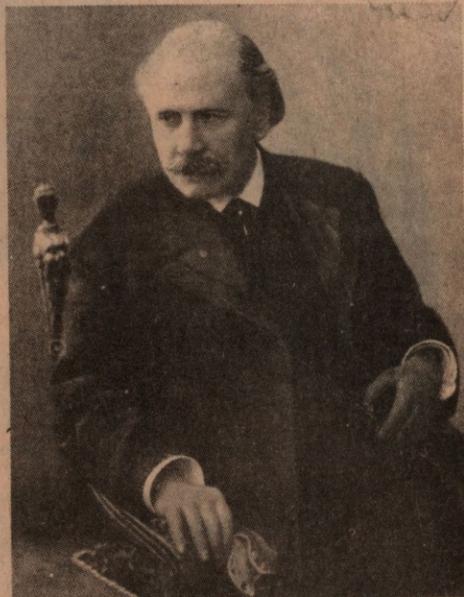
ENIO SQUEFF

Jules Massenet, autor de "Werther", segunda ópera que o Teatro Municipal apresentou recentemente em sua curta temporada lírica — teve fama relativa em seu tempo. A essa fama, porém, os wagnerianos fanáticos da França ou fora dela acrescentaram aquilo que consideravam como seu melhor valor: a influência de Wagner na obra do compositor. É uma influência relativa e para quem assiste "Werther" nos dois primeiros atos, a ópera não abre muitas expectativas. Há um lado convencionalmente francês nesta cena lírica que a torna monótona. Refiro-me à leveza, às melodias quase fáceis do que parece ser apenas um divertimento. E até o segundo ato, a ópera não parece ir muito além disso. Na versão paulistana, então, isso se acentuou, mas, no terceiro e quarto atos, o drama de Goethe vem à tona com a sua quase simplicidade — não há dúvida — mas também com uma emoção que persiste, no caso, principalmente devido à música de Massenet.

"Werther" quando foi editado em forma de livro, sabe-se disso, lançou uma quase moda na Europa: não foram poucos os jovens que escolheram o caminho do suicídio para vingar um amor não correspondido. Não há estatísticas a respeito, mas é possível se imaginar que o vago sentimento a que Chateaubriand chamaria de "le mal du siècle" tivesse tomado essa forma extrema. "Werther" é, em todo o caso, um marco na história do romantismo alemão. Daí sua fama como obra literária.

Massenet nasceu bem depois de Goethe e aproveitou a obra para fazer uma cena lírica intimista, como sugere o tema. Mas se isso é certo — e se isso persistiu na encenação do Municipal, o drama desta ópera como algo que vai além do dramalhão, foi para as calendas.

Faço, a propósito, algumas suposições: o sr. Fernando Peixoto, ao que eu sei, é um bom diretor de teatro. E "Werther" em comparação com "Le Nozze di Figaro", que estreou a temporada, revelou um diretor de cena bem superior. Mas se para uma ópera intimista exige-se um ambiente que transpareceu em parte nos cenários — pobres a rigor — quanto à direção dos atores, levando em conta a responsabilidade do sr. Fernando Peixoto, a ópera deixou muito a desejar. Refiro-me a esse pormenor que é importante em "Werther": o clima de tragédia que se abate sobre o drama é óbvio em demasia. A música de Massenet vai num crescendo, chegando ao final previsível que emociona; mas os cantores enquanto atores são quase bisonhos. Dizem os colegas críticos de cinema que não há tanto bons atores quanto bons diretores. No caso da ópera, creio que podem existir bons cantores, bons atores igualmente — mas acredito também que para a falta da segunda virtude um bom diretor de cena pode resolver. Ou seja, é possível ou quase certo que o sr. Benito Maresca (Werther) não seja um bom ator, ou que a sra. Alcía Nafé, que faz de Charlotte, além de sua bela voz de meio soprano não se preocupe tanto com isso de interpretar — mas tais problemas não podem ser ignorados pelo diretor. Não é preciso entender um mínimo de teatro para



Massenet, autor da ópera "Werther".

sentir o contraste flagrante entre uma música que emociona e a realidade de dois atores que se esfalfam em fazer do dramalhão que "Werther" pode se tornar, no quase dramalhão que a ópera acabou se tornando. E me ocorre um ponto chave que, talvez explique o problema: será que o sr. Fernando Peixoto gostou desta ópera, ou aprecia o gênero? Faço a pergunta tentando a explicação que a sua fama e o seu efetivo trabalho merecem quando lida com o teatro. Como defendo a incorporação dos diretores de teatro à cena lírica, devo subentender que não só a ópera deve incorporar os diretores de teatro; estes devem também assimilá-la.

Isso quanto ao aspecto teatral. Quanto à parte musical, nota-se uma sensível melhora na temporada. O maestro Jean Pierre Jacquillat tem evidentemente mais competência que sua colega que regeu "Le Nozze". A orquestra acompanhou os cantores, houve uma ou outra desafinação (a intervenção do saxofone chegou a ser quase desastrosa) mas no todo registraram-se apenas os pecados de sempre. E se tivesse que comparar o desempenho da orquestra com o dos cantores, diria que ambas se equivaleram com alguns registros especiais que ficam como impressões à base do gostei e não gostei: pois gostei da sra. Alcía Nafé mais que do sr. Benito Maresca; entre o sr. Amin Feres (Bailli) e a sra. Beatriz Pazos (Sophie) gostei mais desta (chegou, inclusive, a me surpreender pelo controle que demonstrou no trato do seu instrumento vocal). De resto, fico no mais ou menos: pois se o sr. Fernando Teixeira (Alberto) esteve melhor que os srs. Faro Rollemberg (Schmidt) e Boris Farina (Johan), seu desempenho não chegou a se sobressair.

Enfim, "Werther", apesar de tudo, resultou num trabalho válido, principalmente por essa gênese que determinadas obras sugerem. Na cena patética em que Charlotte cai sobre Werther morto ouve-se ao longe a voz das crianças da primeira cena entoando um canto de Natal. Não deixa de ser interessante saber em que águas Alban Berg foi pescar a cena final de "Wozzek", o que, por sinal, não desmerece ninguém.

Folha de São Paulo - 19-IX-1979

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Promoção da

Prefeitura do Município de São Paulo

Secretaria Municipal de Cultura

Departamento de Teatros

Empresã I.C.A., Intercâmbio Cultural Artístico Ltda.

EMPRESARIO: HEINZ FRISCHLER

apresentam

TEMPORADA LIRICA OFICIAL DE 1979

TEATRO MUNICIPAL - SÃO PAULO

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
DEPARTAMENTO DE TEATROS

TEMPORADA LIRICA OFICIAL 79

Empresa I.C.A. (H. Frischler)

4.ª RÉCITA — VESPERAL

IL BARBIERE DI SIVIGLIA

Domingo 7 de Outubro - 16,00 hs.

POLTRONA

Cr\$ 330,00

*

H 27

Shopping Center
Iguatemi



Jóias
Relógios
Laboratório
Técnico de
precisão

Município de São Paulo

ALDO EMYGDIO DE BARROS

Departamento de Cultura

JOÃO CHAMIE

Departamento de Teatros

YAGIB AMARY

TEMPORADA LÍRICA OFICIAL DE 1979

4.^a récita, estréias: sexta-feira, 5 de outubro, às 21 horas

4.^a récita, vesperais: domingo, 7 de outubro, às 16 horas

4.^a récita, extraordinária: terça-feira, 9 de outubro, às 21 horas

“IL BARBIERE DI SIVIGLIA”

Ópera em dois atos

Música de GIOACCHINO ROSSINI

Libreto de Cesare Sterbini

O Conde Almaviva	RICARDO CASSINELLI
Bartolo, médico, tutor de	ZUINGLIO FAUSTINI
Rosina	ROHANGIZ YACHMI
Figaro	VICENTE SARDINERO
Basilio, maestro de música	WLADIMIRO GANZAROLLI
Fiorello, servidor do Conde	ASSADUR KIULTZIAN
Berta, camareira de Bartolo	MARTA BASCHI
Um oficial	JOÃO DE BRAZ

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL E CORAL LÍRICO
DO DEPARTAMENTO DE TEATROS, S.M.C., P.M.S.P.

Direção Musical	GIAN-FRANCO MASINI
Regisseur	SILNEI SIQUEIRA
Regisseur assistente	EMMERSON ECKMANN
Cenários e figurinos	ALDO CALVO
Execução cenográfica	CARLOS JACCHIERI
Guarda-roupa	MARTA BETTI
Alfaiataria	LUIZ ALBERTO IZQUIERDO

Resumo

1º ATO

Numa praça de Sevilha, tendo em destaque a casa do doutor Bartolo, o conde de Almaviva, que se oculta sob o nome de Lindoro, corteja a bela Rosina; porém, não lhe pode falar, porque é severamente segregada pelo seu velho tutor Don Bartolo, que pretende casar-se com ela. O conde, conforme costume da época, canta uma serenata à sua eleita, e enquanto cogita de que maneira pode se aproximar dela, aparece o Fígaro, alegre e folgazão barbeiro, cuja profissão lhe favorece acesso a todas as casas, tornando-se o “factotum” da cidade. Travando relações entre si, ambos arquitetam planos para mais facilmente o conde penetrar na casa do doutor. Enquanto dialogam vivamente, cai da sacada um bilhete de Rosina, no qual ela confessa corresponder ao amor do desconhecido e lhe pede para livrá-la do jugo do seu ciumento tutor. Pede-lhe, outrossim, que lhe revele o seu nome, e o conde, servindo-se da conhecida balada “A inútil precaução”, diz-lhe um falso nome — Lindoro. A chegada de Don Bartolo põe fim ao conluio do conde com o Fígaro, os quais se escondem, mas ouvem as recomendações do doutor, para que o acesso à sua casa seja apenas dado a Don Basílio, de quem precisa para levar a termo o seu casamento com Rosina. Novamente a sós, o Fígaro e o conde ultimam o plano de invasão do domicílio de Don Bartolo, com a idéia do barbeiro, para que o conde se finja de um soldado bebado.

2º ATO

Numa sala da casa de Don Bartolo, o Fígaro diz a Rosina que precisa comunicar-lhe algo importante; porém, ela precisa se esconder porque o tutor se aproxima. Este último entra e, dando vazas ao seu ciúme, esbraveja contra o barbeiro. Nesse ínterim chega Don Basílio, que, além de padre, é professor de música e, sobretudo, casamenteiro. Don Bartolo revela a Don Basílio seu intento de desposar a sua tutelada, e Don Basílio, alertando o seu amigo sobre as andanças do conde, propõe a Don Bartolo uma maneira para desacreditar Almaviva, propondo uma calúnia. Ato contínuo, entram em confabulações sobre o casamento, que o doutor quer se realize no dia seguinte.

Nesse entretempo, o Fígaro confia à jovem que aquele a quem ela viu do balcão e que a corteja é Lindoro, a quem se-

“IL BARBIERE DI SIVIGLIA”

Ópera cômica em 3 atos, de Gioacchino Rossini, com libreto de Cesare Sterbini, baseado na comédia homônima, de Beaumarchais — Estréia em Roma, em 26 de dezembro de 1816

3º ATO

Mas, a despeito das adversidades, o Figaro não desiste dos seus planos diabólicos. Enquanto Don Bartolo medita sobre quem seria o soldado que ninguém conhece no regimento, aparece novamente o conde, mas desta feita disfarçado de clérigo, dizendo chamar-se Don Alonso e ser substituto de Don Basílio, impossibilitado de vir dar aula de música a Rosina, por isso que está doente. Don Bartolo inicialmente se recusa a receber o novo mestre, mas cede a seguir e consente na substituição ocasional, quando o simulador lhe mostra o bilhete de Rosina, encontrado junto à casa do conde, e se propõe a convencer Rosina de que o conde a engana. O doutor, tranqüilizado, aquiesce na aula de música, enquanto o Figaro convence Don Bartolo a fazer-se cortar a barba; com isso, o barbeiro mantém o doutor preso a uma cadeira, enquanto os dois namorados conversam animadamente. Eis que irrompe na cena Don Basílio, ameaçando pôr tudo a perder. O conde, porém, não se perturba: entrega furtivamente uma bolsa com dinheiro a Don Basílio, que se afasta e confirma a sua escarlatina... Superado o impasse, o Figaro continua a barbear o doutor, mas

este, inopinadamente, descobre o plano de fuga que os namorados concertaram para aquela noite. É o escândalo, e o Figaro e o conde se retiram. Disso se aproveita Don Bartolo para impingir à sua pupila a versão de que Lindoro não a quer para si, mas para entregá-la ao conde de Almaviva. Para convencê-la, apresenta-lhe o bilhete que o substituto de Don Basílio disse ter encontrado junto à casa do conde. Rosina, encolerizada com a traição, consente em casar-se imediatamente com o doutor e pede a prisão de Lindoro. Don Bartolo sai imediatamente à procura da polícia. Nesse entretanto, o Figaro, que havia conseguido uma chave falsa do terraço da casa, entra com o conde, e com as explicações deste Rosina, que de começo o repeliu, pensando ser o traidor Lindoro, abraça-o com paixão. Don Basílio regressa com o tabelião e agente matrimonial para celebrar o casamento de Rosina com o seu tutor, mas o conde compra a aquiescência de Don Basílio e faz com que seja realizado o seu casamento com Rosina. Don Bartolo chega, a seguir, mas já é tarde: Rosina tornou-se a esposa do conde de Almaviva; portanto, só lhe resta resignar-se com a sorte madrastra.

ALBERTO RICARD